

NOTAS SOBRE O CONCEITO DE INDIVÍDUO NA TEORIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA:

Um percurso a partir das obras de Stuart Hall, Norbert Elias,
Richard Sennett e Zygmunt Bauman

RODOLFO ARRUDA¹

Resumo: O artigo investiga o modo como alguns autores da Teoria Social contemporânea (Stuart Hall, Norbert Elias, Richard Sennett e Zygmunt Bauman) desenvolveram diversas críticas à noção de Indivíduo pertencente ao pensamento social clássico. Em comum, estes pensadores consideraram necessário reformular o arcabouço teórico legado pela Sociologia Moderna, julgando que muitos dos instrumentais teóricos utilizados por ela não são mais capazes de captar a complexidade e a multiplicidade dos processos de individualização que ocorrem na época contemporânea. Com base numa leitura aberta destas diversas críticas levantadas por estes autores, o artigo busca demonstrar que o conjunto destas objeções pode ser visto como uma nova forma de representar a noção de Indivíduo, que atribui poderes, funções e expectativas a estes novos sujeitos muito diferentes daquelas apresentadas pelo pensamento clássico. Após apresentação deste novo quadro conceitual concedido à categoria de Indivíduo no mundo contemporâneo, o artigo se encerra colocando para a discussão quais os novos problemas e os desafios contidos no surgimento deste novo modelo.

Palavras-chave: Teoria Social Contemporânea, Indivíduo, Identidade e Vida Líquida.

Abstract: The paper investigates how some authors of contemporary Social Theory (Stuart Hall, Norbert Elias, Richard Sennett and Zygmunt Bauman) developed several criticisms of the notion of Individual belonging to the classic Social Thought. In common, these thinkers consider it necessary to reformulate the theoretical legacy of the Modern Sociology, believing that many of the theoretical frameworks used by it are no longer able to capture the complexity and multiplicity of individualization processes occurring in the contemporary era. Based on an open reading of these various criticisms raised by these authors, the paper demonstrates that all these objections can be seen as a new way to represent the notion of individual, which gives powers, functions and expectations of these new Individual very different from those presented by classical thought. After presentation of this new conceptual framework given to the category of Individual in the contemporary world, the article concludes by putting to discuss what new problems and challenges contained in the emergence of this new model.

Key Words: Contemporary Social Theory, Individual, Identity, Liquid Life.

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem os seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. Zygmunt Bauman – Vida Líquida

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso objetivo é constituir um quadro panorâmico dos contornos do Indivíduo contemporâneo a partir da investigação das figuras oferecidas nas

pesquisas e análises de alguns autores significativos da Teoria Social¹ atual. Partimos da suposição de

¹ Utilizamos o termo Teoria Social (a exemplo de muitos autores, de diferentes tradições teóricas – britânica e americana, sobretudo – tais como Anthony Giddens, Ulrich Beck, Jeffrey Alexander, Richard Sennett, Axel Honneth, Zygmunt Bauman, entre outros) que se caracteriza, acima de tudo, pela reflexão meta-teórica sobre o pensamento sociológico moderno e suas categorias, e também por um tipo de debate interdisciplinar que reabre fronteiras entre disciplinas

que há um número grande de representações sobre os papéis, os poderes, atribuições e expectativas quanto ao papel dos indivíduos no mundo contemporâneo e de que não existe consenso nas Ciências Sociais sobre que tipo de modelo é mais apropriado para uma melhor compreensão dos problemas e desafios apresentados pelo contexto hodierno. Diante disso, o intuito do artigo não é elucidar a questão ou propor uma linha interpretativa para o problema, mas aproveitar a multiplicidade de trajetórias analíticas proporcionada pela sociologia contemporânea e tentar esboçar um quadro de como esses debates constroem um *quadro-teórico*² sobre a noção de Indivíduo contemporâneo.

Uma pergunta que poderia caracterizar de modo mais simples o nosso objetivo, poderia ser disposta de modo informal: “Como a Sociologia contemporânea tem representado o Indivíduo, no contexto desses novos problemas apresentados pelo mundo Pós-moderno³?”, ou, de modo semelhante, “Qual a figura de Indivíduo podemos visualizar após realizarmos uma investigação, no interior das obras e das análises de alguns autores da Teoria Social?” As perguntas convergem para uma curiosidade comum: “Qual é a imagem de Indivíduo que nos oferecem alguns dos autores mais destacados da sociologia contemporânea?”, “Trata-se de uma visão otimista, que atribui uma gama de responsabilidades e poderes, tais como a autonomia e o poder emancipatório de reformular as relações sociais problemáticas atuais⁴, ou, uma visão mais

tradicionais como Sociologia, Antropologia, Psicanálise e Economia, buscando expandir o referencial teórico e metodológico do pensamento social contemporâneo. Muitas vezes a Teoria Social é representada como uma especialidade dentro da Sociologia, mas esta forma de representá-la não pode desconsiderar o fato de que a Teoria Social se coloca acima dos cânones da disciplina, justamente para poder realizar essa auto-crítica aos próprios limites disciplinares. Mais detalhes in Alexander (1987).

² O termo *quadro-teórico* aqui empregado não possui nenhum valor conceitual. É apenas um termo aqui criado para representar uma espécie de *mosaico* conceitual, algo como utilizar diversas representações e conceitos sobre um mesmo assunto, para elaborar uma imagem modelo ao final dos diversos materiais utilizados.

³ Certamente, a discussão aqui apresentada pode ser vista como uma retomada de um debate que marcou de modo significativo a imaginação sociológica nos anos 1980-1990, que foi o confronto entre os defensores da corrente chamada de Pós-modernidade e os autores que criticavam a ausência de critérios e evidência conceitual do termo. Considera-se que a resolução deste conflito foi muito mais uma *trégua* entre os contendores do que propriamente uma definição para um dos dois lados, tal como uma nova síntese poderia sugerir. Diante deste impasse e das impressões pejorativas que o termo atraía, muitos tentaram uma reformulação e melhor detalhamento, como são os casos de Giddens, *modernidade tardia*, e, Bauman, *modernidade líquida*, entre outros. Neste texto nós consideramos que existem diferenças entre as acepções, mas nos manteremos fixados na questão do conceito de Indivíduo contemporâneo deixando essas diferenças para uma discussão posterior.

⁴ Neste sentido, é possível considerar o posicionamento de autores do mesmo período que adotaram uma abordagem oposta, considerando o contexto recente não como uma ruptura e uma desestruturação do projeto da Modernidade, mas sim como um projeto inacabado, no qual é possível, com algumas reelaborações retomar o seu desenvolvimento. Tal é o exemplo de Habermas, quando enfatiza a importância da emancipação e do reconhecimento para o sujeito contemporâneo.

cética, que aponta para a redução das possibilidades dos sujeitos de tomarem ação efetiva dentro de suas determinações, devido a uma reformulação de suas dimensões e seu processo constitutivo?”

Este artigo expõe o resultado de um conjunto de leituras de alguns autores contemporâneos da Teoria Social, no qual o foco de investigação recai sobre os instrumentos teóricos utilizados pelos pesquisadores para representar o papel e a atuação dos agentes individuais no interior das explicações e interpretações de caráter sociológico.

A intenção de realizar essa leitura panorâmica que investiga o instrumental teórico nas análises sociológicas contemporâneas parte de algumas percepções acerca dos problemas enfrentados no campo investigativo destas áreas.

Um primeiro plano a ser identificado é o fato de que nos debates teóricos das Ciências Humanas, categorias tais como Indivíduo, e suas noções correlatas, Identidade, Subjetividade, Intimidade, etc., encontram-se em situação de constante indefinição e discussão quanto a sua verdadeira extensão e acerca de seus possíveis poderes explicativos (ALEXANDER, 1997).

As Ciências Humanas, como um conceito amplo que incorpora diversas correntes teóricas, são vistas como uma disciplina que não possui uma unificação de modelos investigativos a respeito das categorias principais que constituem a análise dos fenômenos sociais e sua conseqüente explicação. Sob este aspecto, a própria Ciência Social representa essa característica como um distintivo da disciplina, que não é negativo, mas que essa constante busca por métodos e por rigor conceitual é da própria natureza crítica desta área de conhecimento e importante para a sua renovação.

Embora seja admitida essa coexistência (vista, muitas vezes, como apontado acima, como um elemento positivo) de modelos interpretativos, isto, por sua vez, não inviabiliza as motivações de alguns pensadores de discutirem em profundidade esses modelos e de buscarem sínteses e um mapeamento das linhas teóricas.

Essa busca de uma “síntese provisória” acerca dos modelos teóricos de representação do Indivíduo na época contemporânea não pode ser desvinculada das transformações históricas e sociais que pautam o contexto atual. Ao lado da discussão metodológica que envolve os autores, é coerente admitir que esses debates também estão pautados na tentativa de compreender como as mudanças sociais produzem novos modelos de individualidade e desestruturam modelos de representação antigos que não teriam mais poder explicativo na sociologia.

Consideramos que essa dimensão é extremamente válida e importante neste debate, mas por questões de escolha temática deste artigo, preferimos deixar essa problemática provisoriamente ausente.

Sob este aspecto, o levantamento destes modelos teóricos também pode ser entendido como análises que tentam articular como as diversas transformações do mundo contemporâneo estão forjando novos processos de constituição dos sujeitos e novas dimensões de representação dos Indivíduos.

Para as dimensões que este artigo comporta, na execução desta proposta, traçamos um pequeno encadeamento teórico em que é possível visualizar uma interpretação atual destas reformulações. Como não realizamos aqui uma investigação profunda da constituição e de desenvolvimento da noção de Indivíduo no pensamento social, nós utilizamos um conjunto de referências distintas e heterogêneas de alguns autores (sobretudo os três primeiros sugeridos, Hall, Elias e Sennett), como um caminho possível para se abordar a questão; apenas como mais uma forma de elaborar a problemática do sujeito no contexto presente. Para dar início ao problema das diversas representações de “Indivíduo” no interior das teorias sociológicas clássicas, utilizamos as análises realizadas por Stuart Hall (2005) na obra *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Essa contribuição é levemente pontuada por alguns elementos de Jeffrey Alexander (1997) acerca da Teoria Social e o constante debate teórico-metodológico que a caracteriza, juntamente com a possibilidade de confluência teórica de referenciais heterogêneos. Com as noções metodológicas explicitadas, o artigo segue com uma abordagem seletiva de autores que propõem um *quadro-teórico* acerca das dimensões deste possível “novo indivíduo contemporâneo”.

Tal elaboração se inicia com Norbert Elias, que mostra como a representação do Indivíduo como uma entidade autônoma reside numa equivocada dicotomia indivíduo *versus* sociedade, que não dá conta de captar a especificidade das individualidades atuais e que se caracteriza pela sobrevalorização da *identidade-en*.

Em sentido complementar, Richard Sennett contribui para o debate resgatando o modo pelo qual se desenvolveu esse “inchamento” da esfera da intimidade. Na obra, *O declínio do Homem Público*, Sennett (1988) demonstra como a depreciação da ação dos indivíduos na esfera pública promoveu a liquidação da Cultura Pública e contribuiu, juntamente com o avanço das experiências da alienação e do consumo, para a expansão da esfera da intimidade e um conjunto de problemas a ela relacionados.

O *quadro-teórico* da investigação pretendida neste artigo se completa com as metáforas da Modernidade Líquida e da Vida Líquida oferecidas por Zygmunt Bauman. Essas imagens, de acordo com a trajetória aqui empreendida, oferecem as idéias-chave para a elaboração de um modelo de

representação do Indivíduo na época contemporânea. Esse modelo, como se verá mais adiante, postula um Indivíduo fragmentado que possui, dentre suas principais características, a quase impossibilidade de se constituir em bases estruturais/institucionais e referências culturais/valorativas sólidas e confiáveis.

O SUJEITO MODERNO E OS MODOS TRADICIONAIS DE REPRESENTAÇÃO DO INDIVÍDUO

Para contextualizar o tipo de discussão que pretendemos realizar neste artigo, tomamos como ponto de apoio algumas análises realizadas por Hall (2005), o qual, por meio de um trabalho que discute a questão da Identidade na pós-modernidade, oferece alguns modelos de representação do Indivíduo, utilizados em épocas distintas.

Estes modelos extraídos da análise de Hall (2005) contribuem para marcar essa reconfiguração dos novos contornos do Indivíduo contemporâneo. É a partir deste contraste de modelos de representação que julgamos ser possível visualizar as especificidades do *quadro-teórico* contemporâneo que se pretende elaborar com a pesquisa dos autores atuais.

Hall (2005) chama a atenção para três modos, aos quais o autor se refere: 1) o sujeito do Iluminismo; 2) o sujeito Sociológico, e, 3) o sujeito pós-moderno.

Para uma breve exposição do significado destes modelos, é possível considerar:

1) No primeiro caso, o sujeito do Iluminismo se baseia numa concepção abstrata de indivíduo centrado, unificado e dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2005).

2) Em seguida, na noção de sujeito sociológico, já é possível visualizar uma representação do indivíduo mais complexa, no qual esse sujeito já não é mais autônomo, abstrato e essencializado. No modelo sociológico, o indivíduo é representado como resultante de um processo complexo de interação entre o ‘eu’ e a ‘sociedade’, numa interação intensa que articula ‘espaço interior’ (subjetivo, íntimo, da consciência individual) com o ‘espaço público’ dos papéis sociais, das representações e atribuições recíprocas que se realizam em situação de interação (HALL, 2005).

3) Das figuras apresentadas, não causa estranheza o fato de que os modelos Iluminista e o sociológico tradicional tenham sofrido críticas

contundentes e reformulações, com o objetivo de superar a superficialidade de suas projeções.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, pág. 12)

É neste terceiro eixo, a saber, a idéia de sujeito pós-moderno, que se realiza a nossa investigação. Hall (2005), de acordo com nossa análise, oferece uma contextualização bastante sugestiva quando enfatiza o aspecto fragmentário, incerto e volátil em que o debate sobre a identidade e a individualidade é elaborado.

Desta forma, o debate sobre o Indivíduo no contexto atual se dá não apenas influenciado pela abordagem sociológica (que postula a idéia central de Processo de constituição e Interação), mas não se pode perder mais a dimensão de que mesmo essas categorias devem ser repensadas em vista das rápidas mudanças estruturais pelas quais as sociedades e seus membros estão submetidos.

Ao passo que Hall (2005) nos fornece essa orientação metodológica fundamental, sua análise também se abre para mostrar como essa representação em movimento do indivíduo contemporâneo não é tão simples quanto parece.

Tentar mapear a história da noção de sujeito moderno é um exercício extremamente difícil. A idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que a agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno. (...) É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto ‘vívida’ quanto ‘conceptualizada’ de forma diferente. (HALL, 2005, pág.13).

Como demonstra Hall (2005), analisar esses diferentes processos de individualização, que se sobrepõem ao longo de contextos e épocas distintas, é o caminho mais viável para uma observação mais acurada sobre as características singulares de nosso contexto, que demarcam esse sujeito pós-moderno.

Neste sentido, julgamos que a análise de Norbert Elias (1988) pode nos oferecer alguns

conceitos e idéias que dão uma dimensão mais clara de como se operou essa transformação de um sujeito sociológico tradicional – aquele legado pelo pensamento clássico –, para uma representação mais complexa e dinâmica, do Indivíduo contemporâneo, as quais possibilitaram um campo novo de problematizações para a Teoria Social.

NORBERT ELIAS E “A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS”

A partir dos elementos acerca dessa nova percepção do indivíduo contemporâneo levantada por Stuart Hall no tópico anterior, é possível realizar um aprofundamento destas questões com a ajuda das análises de Norbert Elias.

Um dos pontos centrais que marcam os debates contemporâneos sobre a questão da individualidade se encontra no trabalho do sociólogo alemão Norbert Elias (1897 – 1990).

Dois obras-chave apresentam reflexões centrais sobre o debate da relação Indivíduo *versus* Sociedade que possuem influência em grande parte dos debates da Teoria Social Contemporânea: *O Processo Civilizador* (volumes I e II) e, *A Sociedade dos Indivíduos*.

Destas importantes obras, devido ao contorno mais breve deste artigo, nos interessa o livro publicado postumamente, *A sociedade dos indivíduos*. Nele Elias (1988) desenvolve no plano teórico-metodológico a concepção de “relação indivíduo *versus* sociedade” ao mesmo tempo detalhando suas teses metodológicas que perpassam as análises do *O Processo Civilizador*, e refutando veementemente um modelo restrito muito comum na sociologia de relacionar estas duas entidades.

Como Elias (1988) pondera, a separação estanque das entidades indivíduo e sociedade gera distorções analíticas no campo das investigações das Ciências Humanas. O modelo, portanto, deve ser reformulado.

Tomemos como exemplo a família de conceitos que tem no centro o conceito de “indivíduo”. Atualmente a função primordial do termo “indivíduo” consiste em expressar a idéia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma, e ao mesmo tempo, de que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais, e talvez deva sê-lo. Na utilização desse termo, fato e postulado não têm uma linha divisória clara. É característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós. A primeira suplanta a segunda. Teremos mais a dizer a esse respeito posteriormente, mas esse tipo de balança nós-eu, sua clara inclinação para a identidade-eu, não é nada evidente. Em estágios anteriores do desenvolvimento, era bastante comum a identidade-nós ter precedência sobre a identidade-eu. A maneira acríica como o termo “indivíduo” é usado na

conversação nas sociedades mais desenvolvidas de nossa época para expressar a primazia da identidade-e pode levar-nos a presumir, equivocadamente, que a ênfase seja a mesma nas sociedades em todos os estágios de desenvolvimento e que tenham existido conceitos equivalentes em todas as épocas e línguas. Esse não é o caso. (ELIAS, 1994, pág. 130).

Como é possível inferir pelo argumento acima apresentado, não apenas a relação estanque deve ser evitada, mas é necessário um redimensionamento dos poderes concedidos na representação do Indivíduo, com os quais as Ciências Sociais articulam. Bauman (2001) descreve uma passagem em que a interpretação desta reformulação é reforçada.

A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi uma peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de 'individualização', assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada 'sociedade'. Nenhum dos dois parceiros fica parado por muito tempo. E assim o significado da 'individualização' muda, assumindo sempre novas formas – à medida que os resultados acumulados de sua história passada solapam as regras herdadas, estabelecem novos preceitos comportamentais e fazem surgir novos prêmios no jogo. A 'individualização' agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna – os tempos da exaltada 'emancipação' do homem da trama estreita da dependência da vigilância e da imposição comunitária. (BAUMAN, 2001, pág. 40).

Acima de tudo, nossa suposição é que esta reelaboração metodológica postula um sujeito diferente no debate contemporâneo, a qual, por sua vez, influencia a constituição de um *quadro-teórico* diferenciado acerca do Indivíduo contemporâneo. Para o quadro que pretendemos elaborar neste artigo, que se apóia nas imagens de Bauman (2001) consideramos que o autor polonês investe nesta rica pista de Elias (1988).

O título dado por Norbert Elias a seu último livro, publicado postumamente, 'A Sociedade dos Indivíduos', capta com perfeição a essência do problema que assombra a teoria social desde o seu começo. Rompendo com uma tradição estabelecida desde Hobbes e forjada novamente por Stuart Mill, Spencer e a ortodoxia liberal na *doxa* (o quadro não examinado de toda cognição adicional) de nosso século, Elias substituiu o 'e' e o 'versus' pelo 'de' e, assim, deslocou o discurso do imaginário das duas forças, travadas numa batalha mortal mas infundável entre liberdade e dominação, para uma 'concepção recíproca': a sociedade dando forma à individualidade de seus membros, e os indivíduos formando a sociedade a partir de suas ações na vida, enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede

socialmente tecida de suas dependências. (BAUMAN, 2001, pág. 39).

Uma vez que as categorias de indivíduo e sociedade estão reconfiguradas e pautadas pelo olhar de Elias, é possível apontar alguns elementos que reestruturaram esse processo, sem, agora, sofrer o risco de sugerir interpretações equivocadas sobre a gênese da reconfiguração desta balança. É o que fica mais claro no tópico seguinte, quando Sennett (1987) levanta alguns elementos para mostrar como a cultura pública foi desvalorizada neste processo, apontando outra característica deste novo sujeito contemporâneo.

RICHARD SENNETT E “O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO”

Num livro que contribui significativamente para o debate sobre a identidade na época contemporânea, Richard Sennett desenvolve em sua abordagem pistas fundamentais para a compreensão de como essa balança *eu-nós* (Elias, 1994) foi desequilibrada substancialmente em favor dos elementos da vida privada.

Sennett reconstrói em seu livro, *O Declínio do Homem Público*, o modo como se constitui o domínio da cultura pública por meio das necessidades de interação que o recente meio urbano impunha a indivíduos de diferentes regiões e com referências culturais distintas. Essa capacidade de se relacionar com os novos 'desconhecidos' da cidade constitui um elemento primordial na noção de civilidade, que seria a capacidade de se comportar a partir de papéis sociais pré-definidos, sobretudo a capacidade de construir relações sociais menos voláteis que não dependessem de vínculos personalíssimos.

Tal modelo, segundo Sennett, obteve êxito até aproximadamente o final do século XIX, a partir do fôlego obtido pela Revolução Francesa, encontrando desenvolvimento em algumas regiões da Europa. Porém, em paralelo, desde o avanço impulsionado pela Revolução Industrial, processos em direção contrária a vida pública também se desenvolviam.

Na esfera histórico-cultural, as ações da vida pública passam a ter um desgaste crescente e o crescimento da esfera intimista da sociedade passa a exercer uma influência cada vez maior. Esta visão contribuiu significativamente para o que Sennett (1987) chama de personalização das relações sociais, a saber, uma entrada de elementos pessoais no Espaço Público. Sobretudo, uma crescente necessidade de articular elementos de valores personalíssimos e da esfera privada em articulação com as ações públicas.

Este redimensionamento gera limites bastante restritivos quanto ao desenvolvimento de ações políticas e participação no Espaço Público desta nova sociedade que se estabelece. Como as relações sociais estão agora avaliadas por esses elementos da esfera privada dos valores personalíssimos, os Indivíduos perdem a expectativa de ação na Esfera Pública, que se reduz, então, a um local cada vez mais impessoal, e hostil, no qual não há mais nenhuma relação social a ser constituída.

Para finalizar a sua interpretação sobre essa reconfiguração, Sennett se refere a este desdobramento recente como as ‘Tiranias da Intimidade’. Estas tiranias se evidenciam no momento em nós, enquanto indivíduos membros das sociedades contemporâneas, perdemos cada vez mais a capacidade de agirmos desvinculados de nossos valores e processos formativos singulares e perdemos a capacidade de abarcar a singularidade do ‘outro’, o qual se encontra também inflado pelo mesmo processo.

O mito hoje predominante é que os males da sociedade podem ser todos entendidos como males da impessoalidade, da alienação e da frieza. A soma desses três constitui uma ideologia da intimidade: relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa. Esta ideologia transmuta categorias políticas em categorias psicológicas. (SENNETT, 1988, pág. 317).

É no contexto desta sociedade que sobrecarrega os elementos e as expectativas na esfera da vida privada dos Indivíduos, que Bauman irá acrescentar novos elementos, criando um quadro-teórico acerca do sujeito contemporâneo mais detalhado.

ZYGMUNT BAUMAN E A METÁFORA DA VIDA LÍQUIDA

Tomando parte neste debate sobre as transformações do Indivíduo no mundo pós-moderno, Zygmunt Bauman têm publicado uma seqüência produtiva de obras em tom ensaístico que exploram em profundidade boa parte dos trabalhos mais significativos da Teoria Social.

Obras como *Modernidade e Holocausto*, *Europa, Modernidade e Ambivalência*, juntamente com *Globalização: as conseqüências humanas*, e *O Mal-estar da Pós-Modernidade*, em todas elas o autor tem explorado de forma criativa as produções mais significativas de diversos matizes das Ciências Sociais, de modo a fornecer ricos *insights* sobre o contexto contemporâneo.

Em grande medida, Bauman se filia a uma vertente de pensadores críticos acerca dos limites e

contradições do processo civilizatório. Ressaltam-se diferentes matizes teóricos como Norbert Elias, Hannah Arendt, Theodor Adorno, Sigmund Freud, que muitas vezes compõem o pano de fundo dos ensaios de Bauman, os quais, por sua vez, dialogam com produções atuais e autores de recente destaque na Teoria Social, tal como Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Jürgen Habermas.

Os temas tratados em grande parte de sua produção intelectual não apresentam grande inovação em relação aos debates característicos dos autores associados à questão da pós-modernidade, tais como David Harvey, Jean-François Lyotard e Anthony Giddens, mas a sua forma ensaística e criativa de fundir e rediscutir os resultados do conjunto destas pesquisas, irá distinguir Bauman como um autor que nos oferece questões pertinentes e originais para o nosso contexto.

O mundo fragmentado pode ser percebido em suas manifestações mais concretas das transformações dos meios de produção, do mercado financeiro, e da revolução tecnológica que impulsionou a circulação de mercadorias, mão-de-obra e informação em velocidades cada vez maiores e mais eficientes. Bauman (2001) seguindo a pista aberta desde Marx, discute como:

Diferentemente da sociedade moderna anterior, que chamo de “modernidade sólida”, que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sendo permanentemente desmontado mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizadora”, “derretia os sólidos e profanava os sagrados”, como os jovens Marx e Engels notaram. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente “reenraizado”, agora todas as coisas — empregos, relacionamentos, know-hows etc. — tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições. (BAUMAN, 2001, 158).

Um dos pontos centrais que marcam essa idéia de Vida Líquida é justamente a impossibilidade da criação de projetos e da instituição de modelos de vida e de ação no contexto atual.

Esta situação também é muito discutida na obra de Bauman (2001) naquilo que o autor chama de uma reformulação na estrutura de uma dicotomia muito comum: a relação entre Liberdade e

Segurança. Desde Freud em *Mal-estar na Civilização*, o modelo de análise que fundamentava grande parte das análises das Ciências Humanas postulava os perigos da penetração do Estado e das Esferas Públicas na dimensão da vida privada, na intimidade, na privacidade e no processo de formação dos Indivíduos. Esse grande receio da dominação totalitária, segundo Bauman (2001) pode ser visualizado nas duas grandes imagens de 1984 de George Orwell e de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.

Porém, o modelo de sociedade contemporâneo, caracterizado pela globalização, inverteu a lógica deste receio. A questão do controle estatal da economia e dos processos formativos dos indivíduos deu lugar a uma tendência de descentralização, desregulamentação, flexibilização e precarização de todos os processos constitutivos que moldavam as sociedades ocidentais no breve período do pós-guerra em diante.

Esses elementos canalizaram na noção de Liberdade todos os anseios e promessas de realização deste novo modelo de Indivíduo, o qual encontrou na liberdade do consumo e a desresponsabilização pelo *outro* as maiores evidências da realização deste novo processo.

Todavia, é a partir desta análise que Bauman estrutura as características da Vida Líquida, que nos fornecem pistas interessantes sobre o nosso contexto. Essa ênfase da Liberdade que desregulamentou e retirou as responsabilidades estatais que estruturavam as relações e os vínculos sociais e produtivos, são as mesmas que agora estão diretamente ligados às sensações de incerteza e insegurança que caracterizam a nossa impressão atual.

O sentimento de incerteza cresce na medida em que a nossa sensação de seres humanos descartáveis se torna cada vez mais disseminada com as transformações dramáticas pelas quais o mundo do trabalho vem se estruturando.

A sensação de insegurança, que muitas vezes é restrita impropriamente a questões de violência e criminalidade, se espalha para todas as esferas dos relacionamentos humanos, dado o caráter frágil e descartável dos vínculos sociais que estruturam esse novo processo de individualização.

É o que fica evidente em um dos seus livros, *Amor Líquido*, em que Bauman, a despeito de avançar numa área não privilegiada dos sociólogos, a esfera da afetividade, discute como até mesmo os laços afetivos se enquadram nessa lógica da descartabilidade e flexibilidade.

De forma interessante, Bauman fecha o quadro mostrando como esses novos medos e preocupações se estruturam de modo a consolidar situações de ambivalência no processo de formação dos Indivíduos. É no momento em que agimos de

forma flexível e descartável no plano das relações afetivas que a segurança no relacionamento se torna algo valioso e ao mesmo tempo utópico nos vínculos amorosos. De modo semelhante, com o advento da eliminação da ação política na sua acepção tradicional de nosso raio de ação cotidiano, é que a noção de comunidade e as suas variações de comunitarismo se insinuam como formas possíveis de política, ainda que no fundo saibamos que não passam de ações pré-políticas.

Ao longo de sua obra, Bauman parece conciliar duas abordagens aparentemente excludentes, a macro análise que caracteriza seu debate com a Teoria Sociológica e as suas análises mais específicas, quando oferece exemplos de vidas cotidianas, apoiado numa espécie de sociologia da vivência. É curioso como esse estilo sociológico denota um traço original do autor polonês e gera um conjunto grande de dúvidas a respeito de se saber, afinal, qual é a característica de seu ofício sociológico.

Desta forma, é admissível, seguindo a tendência de recentes intérpretes da obra de Bauman⁵, que em nenhuma parte de sua obra é possível encontrar uma passagem textual ou uma preocupação em que o sociólogo da modernidade líquida se dedique a elucidar e clarificar as suas bases e premissas teóricas, que sustentam suas análises específicas.

Ainda que Bauman não apresente tais esclarecimentos, alguns elementos são recorrentes e podem orientar a leitura posterior das obras do autor: 1) sua concordância com a abordagem de Norbert Elias, ou seja, sua tentativa de re-qualificar (ou mesmo, superar) a dicotomia indivíduo X sociedade, o que também significa a tentativa de constituição de uma noção nova que supera o pensamento sociológico clássico; 2) sua ênfase em reinvestir os elementos subjetivos e emocionais no debate da Teoria Social, que se caracteriza com a adoção de Freud, e, 3) um aparente resquício da influência marxista, a respeito do processo de desumanização do homem, com um olhar para a destruição dos vínculos sociais que se operam na passagem do modelo moderno, para um modelo posterior (pós, líquido, tardia, etc.), temperado com influências de Hannah Arendt e Michel Foucault acerca dos novos conceitos de humanidade e modelos de Homem desenvolvidos pela Biopolítica.

Embora em alguns momentos Bauman (2001) deixe antever pequenas brechas positivas dos

⁵ Como exemplo desses autores, podemos citar as obras Peter Beilharz Zygmunt Bauman: the dialectics of Modernity, e The Bauman Reader, Michael H. Jacobsen e Poul Poder The Sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique, e Keith Tester, The Social Thought of Zygmunt Bauman, dentre outros. No geral, essas obras, por enquanto, possuem pouca penetração no ambiente acadêmico nacional e por enquanto não possuem tradução em nosso país.

diagnósticos que caracterizam nossa época contemporânea, é, acima de tudo, a precarização, a fragmentação e o esgarçamento dos laços sociais que perpassam, ao que parece, o conjunto de suas análises.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate acima exposto, embora tenha como ênfase central a reconstrução teórica de alguns modelos de representação do Indivíduo na Teoria Social, ao final de sua enumeração, compõem um painel um tanto quanto cético a respeito das possibilidades e capacidades que os Indivíduos possuem neste processo de transformarem as condições sociais e de tomarem parte conscientemente na condução deste processo que caracteriza as dimensões problemáticas da pós-modernidade.

No fundo, como a nossa exposição tentou demonstrar, esse modelo plural e fragmentado de individualidade apresentado a partir dos autores contemporâneos é conseqüência muito mais de um processo que rediscute e trabalha de forma crítica os conceitos legados pelo pensamento social clássico, do que tão somente uma crítica pessimista oriunda de uma análise de conjuntura de nosso presente recente.

É importante considerar também, que essa compreensão mais acurada dos processos constitutivos do sujeito contemporâneo (os diferentes modelos, plurais e multifacetados) são instrumentos importantes para futuras análises sociológicas, independente das temáticas abordadas, justamente porque são problemas comuns que todas as abordagens do pensamento social são obrigadas a se posicionar.

Ao final do mosaico que se apóia na sugestiva metáfora da Vida Líquida de Bauman, consideramos que o olhar cético que a imagem nos oferece não deve ser lido como uma visão pessimista ou fatalista do contexto atual. Neste sentido, é necessário admitir que a análise de Bauman não se preocupa em investigar as possibilidades históricas de constituição de novos sujeitos ou atores sociais que podem surgir a partir das mudanças, mas acreditamos, sobretudo, que

essa consideração não merece o olhar crítico do pensamento sugerido pelo pensador polonês. Ao que tudo indica, a criatividade de suas metáforas, e a riqueza dos *insights*, elaboram um importante diagnóstico sobre nossa condição e acerca dos problemas atuais, a partir dos quais podemos propor, em momento posterior, alternativas e respostas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey. *O novo movimento teórico*. R.B.C.S. n° 4 vol 2 jun de 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Revisão Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____, Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____, *A vida em uma sociedade pós-tradicional*. In: Beck, Ulrich et all. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997. págs – 43-77.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Dp&a Editora, 2005.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ⁱ Doutorando em Ciências Sociais pela Unesp-Marília.